

IMAGENS QUE SE DESFAZEM: HORTAS ESCOLARES NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Larissa Marchesan

lari.marchesan@gmail.com¹

Lívia de Souza C. Selhane

livselhane@gmail.com²

Ana Maria H. Preve

anamariapreve@gmail.com³

Resumo

O presente texto traz um relato de experiência em uma horta escolar durante três anos de atuação como bolsistas em um programa de extensão. Trabalhamos com uma imagem dada de “horta escolar” e com a atuação do professor de geografia nesses espaços, costurando com a educação ambiental. O possível está dado por uma imagem única de horta e de educação ambiental. Objetivamos com o texto na forma de relato mostrar outros caminhos trilhados a partir dessa imagem única dada às hortas nas escolas. Descreveremos o que acontece quando canteiros ordenados não sustentam mais uma ideia, uma imagem e, ao mesmo tempo, como se movimenta o professor de geografia quando estes canteiros fracassam. Utilizamos de oficinas em educação para tais acompanhamentos: do professor em formação e da horta em transformação. Em nossas narrativas aparecem os momentos desse processo, inclusive o que está no meio, feito uma zona de fronteira: a etapa onde aquele espaço não é horta nem é jardim, é um pouco dos dois, é mistura. Chegamos na hortajardim como um modo de fazer em educação e geografia tanto para os estudantes como para os professores. Este espaço nos permite estudar, geografiar, escrever na terra e com a terra e assim fazer outras geografias.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Jardim, Geografias.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o relato de uma experiência que se passa entre geografias e escritas e é relativo a uma imagem de “horta escolar”. A experiência acontece nos fundos do terreno da Escola de Educação Básica Simão José Hess, localizada no bairro Trindade, Florianópolis (SC). Nosso trabalho em geografia ocorre no contato com a escrita como linguagem que inventa

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia (UDESC).

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia (UDESC).

³ Professora Doutora do departamento de Geografia (UDESC).



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias

Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

outras formas de apresentar uma situação para o mundo, como nos dizem Oliveira Jr. e Girardi (2011) a respeito das diferentes linguagens. Nesta perspectiva a linguagem preocupa-se “com o conhecimento geográfico produzido/construído. [...] e sobretudo, [as diferentes linguagens] como viabilizadoras de novas produções de mundo” (OLIVEIRA JUNIOR.; GIRARDI, 2011, p. 1-4). Por um lado, se escreve sobre a horta, com a horta e, por outro, se escreve na terra da horta. Plantar e escrever caminham juntos e enunciam seus respectivos mundos. Escrever, para Preve (1999, p. 26), “é perseguir a memória nas notas, nos documentos, nas fotos, e vertê-la em palavras, para reconstruir cenários, recriar atmosferas, recuperar sentidos, e acima de tudo fazer escolhas”. Acrescentamos que escrever aqui é perseguir um fazer que se dá no contato com a terra. Com este texto propomos a desconstrução e a recomposição de fragmentos e noções que se formam a partir de uma imagem de “horta escolar”.

A horta, como os vazios urbanos escritos por Careri (2017), é “um lugar que convida a compreender suas dinâmicas complexas e a tornar seus limites mais permeáveis” (p. 26). Para misturar a geografia com o espaço da horta e para ocupá-lo, mergulhamos no mundo das oficinas, já que “são estratégias em educação que servem aos fins que o oficinairo determina em conexão com seu tema de interesse na pesquisa” (PREVE, 2012, p. 57). A horta pode ser utilizada na educação em geografia, já que as práticas nesse espaço tendem a criações de conhecimentos geográficos e, portanto, fogem das paredes engessadas da sala de aula: “[n]ão estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço” (OLIVEIRA JUNIOR; GIRARDI, 2011, p. 4). A horta para nós não é o lugar de ilustração dos conhecimentos geográficos, antes, ela é um lugar de produzir conhecimento, é o contato, a experiência, um espaço de trabalho e de aprendizado geográfico criado coletivamente com estudantes da escola, com estudantes do curso de Geografia da FAED/UDESC e com professores e funcionários interessados.

No presente texto abordamos três momentos da ocupação da horta. E podemos até considerá-la, de um modo muito vizinho ao que acontece nas etapas da sucessão ecológica, mas as espécies utilizadas são outras, elas foram em parte introduzidas por nós e em parte são plantas que chegaram pela dinâmica própria da natureza. As espécies ‘pioneiras’ aqui – na horta – são as verduras e os legumes. Depois de um tempo, a elas se misturam as trepadeiras, árvores-frutíferas, flores, invasoras e podemos considerar que esta seria a fase intermediária da

sucessão. Ao longo do texto mostraremos como se deu este processo de transformação e de recomposição do espaço e das espécies que o habitam, bem como focaremos no desfazimento de uma imagem de horta que já não se sustentava, dando lugar a uma outra coisa, o que passamos a chamar de *hortajardim*⁴.

Partimos da seguinte questão: em quase todas as hortas escolares que conhecemos cultiva-se alfaces, cenouras, couves, beterrabas, temperinhos etc. Por falta de manutenção diária, esses canteiros são abandonados e/ou não vingam e ali inicia-se um processo de crescimento de outras plantas naturalmente. Ao final de cada ano letivo as hortas são esquecidas nos fundos das escolas. Temos nos dado conta por meio deste espaço de pesquisa, que no fim do ano letivo os cuidados com as hortas também são finalizados, ou seja, elas estão no mesmo regime de escolarização que as disciplinas escolares. É sobre este funcionamento que trataremos aqui: liberar as hortas (que não são mais exclusivamente hortas) dos regimes de escolarização e, a partir dessa liberação, perseguir o movimento de uma imagem em desfazimento: o que se passa quando algo fracassa, ou seja, quando algo se desfaz.

ESPÉCIES PIONEIRAS: O NOME DESTE COMEÇO

Cabe aqui rememorar andanças que permitiram ressignificar uma horta escolar e todos os seus processos. O local onde fica a horta nesta escola é a parte dos fundos da escola e que, antes, servia como depósito de entulho e restos de construção. Desde 2012 este espaço é ocupado por bolsistas do programa PIBID, subárea Geografia, e por estudantes do Programa de Extensão “Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora da pesquisa e do ensino”⁵ juntamente com estudantes, alguns professores e funcionários da escola, que protagonizam os processos e as mudanças que ali acontecem. Ao longo de sete anos, muito trabalho e muitas mãos passaram por ali, fazendo com que este espaço tivesse a chance de muitas transformações, e de ser acompanhado nestas transformações.

Começamos a vivenciar a horta em 2016, quando iniciamos nossas práticas docentes por meio do PIBID/Geografia. No mesmo ano, integramos junto aos estudantes da escola o

⁴ É importante destacar aqui que momentos descritos neste texto são disparadores de nossos trabalhos de conclusão de curso, tanto a imagem em desfazimento quanto a recomposta.

⁵ Programa coordenado pela Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve. Este programa existe desde 2003 e está atento às emergências contemporâneas em geografia, educação e meio ambiente.



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias

Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

projeto COM-VIDA⁶, que nos proporcionou um contato intenso com a horta e nos permitiu colocar as mãos na terra escolar. No início do ano de 2017, a escola possibilitou a revitalização do espaço, implementamos novos canteiros, construímos um viveiro de mudas e uma estrutura geodésica, com a finalidade de ser uma sala de aula e um espaço de convivência, oferecendo aos estudantes outras metodologias e espaços para suas aprendizagens. Em 2018 passamos a integrar o Programa “Bicho Geográfico” e, a partir desse momento, investimos nas ações relatadas aqui.

Uma imagem se forma em nossas mentes quando entramos em contato com as palavras “horta escolar”. Uma imagem tão nítida que podemos até descrevê-la: um espaço verde, que pode ser grande ou pequeno, dependendo das possibilidades de cada instituição, com canteiros em formas retangulares bem definidas, muitas vezes contornados por garrafas pets ou pneus velhos. Nesses canteiros são plantados alface, cenoura, tomate e algum tempero. As espécies são identificadas por plaquinhas ou etiquetas e ali não é possível brincar livremente, não há espaço para correr ou pular.

Nossa horta não era diferente. Tínhamos o canteiro do rabanete, da alface, do tomate e da cenoura. Sempre que crescia uma nova planta no canteiro sem que tivesse sido plantada, nós a arrancávamos com muita certeza. Ao canteiro de cenoura, apenas cenoura, e aplicávamos essa mesma lógica aos outros canteiros. Como noutros lugares da escola em que acontece algo que não é permitido. Delimitamos por algum tempo o que seria plantado em cada lugar, o modo como as plantas seriam podadas e as espécies que poderiam crescer nos canteiros. Tudo tinha uma ordem e um motivo com base em nossos conhecimentos geográficos e ecológicos, com base também nas imagens de horta que povoam nossas mentes. As hortas a seus modos educam, formam suas imagens e disseminam-se enquanto ideia e enquanto lógica escolar.

As oficinas propostas por nós foram atravessadas pelo cultivo dessas verduras e hortaliças, pela manutenção dessas plantas e a ocupação daquele espaço, sempre engessadas por essas imagens únicas. Ora, hortas são assim! Essas plantas ao atingirem seu crescimento eram colhidas e levadas para casa de alguns estudantes ou de trabalhadores da escola, já que, infelizmente, nas instituições escolares não se pode consumir alimentos de outra origem que

⁶ COM-VIDA (Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola) é um projeto do Ministério da Educação em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, que tem como base a Agenda 21 e cujo objetivo principal é a realização de ações para a melhoria do meio ambiente da escola, envolvendo a comunidade escolar e os moradores do bairro em que a escola está inserida.

não sejam os determinados. A merenda escolar é fornecida e preparada por uma empresa terceirizada que recebe os alimentos do governo. Ou seja, nosso projeto perdia o objetivo principal, que era fazer com que esses alimentos fossem consumidos na merenda escolar.

A horta, à medida em que o trabalho nela avançava, unia a comunidade escolar aos conceitos de natureza, alimentação e vida saudável. Para isso a propomos como um espaço educativo de construção coletiva, buscando estabelecer dinâmicas de reutilização do espaço de maneira interdisciplinar e com diferentes faixas etárias. Começamos a utilizar a horta como ferramenta para as aprendizagens, para estabelecer diálogos com a geografia e potencializá-la como um espaço educativo. Essas intenções desdobraram-se numa tentativa de ocupação permanente e ao modo das plantas, naquele vazio dentro da escola. As espécies pioneiras, aqui descritas, começam a dar espaço para o crescimento de novas plantas, e aí surgem novas cores e outros cheiros.

Figura 1 – Espécies pioneiras desta horta



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2017

UMA IMAGEM EM DESFAZIMENTO

Uma imagem começa seu desfazimento a partir do momento em que ela já não se sustenta ou quando decidimos que ela não serve aos nossos propósitos, quando decidimos acompanhar o que acontece com a vida quando ela se prolifera. No nosso caso, a horta nos dizia, no modo vegetal de dizer, que a imagem dada a ela nunca permanecia. Para mantê-la na imagem dada era preciso disciplina, talvez a mesma disciplina escolar utilizada em sala para manter uma aula e o funcionamento de uma sala. As hortas são vivas e a transformação é o seu princípio. Há sim uma disciplina, mas está se dá no acompanhamento de seus processos e em



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias

Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

algo que é própria das plantas e não da lógica escolar. E isso faz toda a diferença. A nossa forma de olhar a horta começou com um processo lento de recomposição da horta e de nós mesmas. O pesquisador sempre se mistura com a sua questão e aqui não podia ser diferente. Demorou dois anos para percebermos que a ideia, a concepção, a imagem de horta escolar não cabia mais naquele espaço. Uma horta requer um cuidado contínuo e diário. Cuidado este que faz uma pausa junto com as pausas do calendário escolar. Uma planta não para seu movimento biológico só porque não há ninguém para cuidar dela. Assim, todo final de ano letivo, aquele lugar ficava e ainda fica entregue aos fatores climáticos. O calor, a chuva e a umidade proporcionam ótimas condições para que as plantas cresçam com rapidez. Há dias em que até parece, exagerando bastante, uma selva, um matagal, às vezes sendo até difícil acessar algumas partes do terreno. Por algum tempo, víamos seu crescimento exuberante e rápido como empecilho para nossas atividades, já que a grama e os outros matos crescem tomando conta do espaço, dominando tudo. Toda a vida ali brota, cresce, se espalha sem restrições, pois a vida é proliferação e, por isso, sem controle, sem restrições, sem o rigor da disciplina escolar.

Como narramos, num primeiro momento o contato com a horta se dava a partir do cultivo de plantas alimentícias que não poderiam ser consumidas pela comunidade escolar. Com isso, percebemos que deveríamos recompor nossos canteiros e mudar nossa estratégia. Deveríamos seguir o fluxo que a horta nos expunha. Aquele espaço apresentava sua própria dinâmica, sua própria vida. Paramos e olhamos para nossas intenções com aquele lugar e optamos, então, por utilizar sua dinâmica a nosso favor: seguir o fluxo e não mais imprimir um roteiro. A partir daí a horta se tornou ferramenta para nossas atividades em geografia e educação. E num segundo momento, nossas oficinas seguiram por outro caminho, queríamos descobrir o que mais esse espaço nos permitia. Nossas práticas começaram então a se expandir, a ter nossas vontades pessoais mescladas com a vontade de transformar a horta em um *jardim*. Estávamos seguindo o fluxo, e era isso que a ‘horta’ em desfazimento nos apresentava, sua tendência indizível entre horta e jardim.

Houve um tempo em que no mesmo espaço coabitavam dois modos de estar e de olhar nossas relações com a natureza. Aqui descrevemos esse espaço-tempo criado a partir da transformação de uma horta escolar. Consideramos esse espaço-tempo uma zona de fronteira. Marisa Valladares (2007, p. 1) aponta que zonas de fronteiras são

lugares onde identidades se diluem e se tornam híbridas. Porque as fronteiras são criações humanas, as percepções de diferenças e de diversidades, contidas nas paisagens de seu entorno, são aguçadas pelo mirar constante do “outro”. [...] Assim, fronteiras que marcariam “fins” ou “começos” apenas, sobretudo se tornam lugares de “encontros” amáveis ou não.

Um lugar que não é horta, mas também não é um jardim, é algo que é um pouco dos dois e que chamamos amavelmente *hortajardim*, inspiradas pela noção potente de Marisa Valladares de tais espaços como zonas de fronteiras. No ponto de vista da ecologia, podemos considerar este processo como uma das etapas de uma sucessão ecológica: onde se planta pimentão, mas também se planta jasmim, a grama também cresce, também sobre ela pode-se brincar e sobre esse mesmo chão também chegam plantas chamadas de invasoras. E o lugar vai se compondo, se transformando e é constantemente ocupado pelo ‘outro’.

Nessa nova ocupação contamos com ajuda das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental da escola. Durante seis meses, brincamos de escrever na terra, subir nas árvores e começamos um longo processo de substituição de espécies e de acolhimento das espécies que chagam ‘sozinhas’. Assim pouco a pouco, as cenouras deram espaço para a hortelã; os rabanetes para um manacá; os tomates para erva-doce e, e, e. A imagem de horta agora perpassa por canteiros dinâmicos, por árvores frutíferas, por trepadeiras, por plantas medicinais, por muitas espécies que brotam por ali sem limitações ou delimitações de onde e como devem crescer. Nossa presença nesse cultivo também modela o espaço, a diferença dessa modelagem é que nos propomos acompanhar o que acontece, inserindo o que compõe com o que já está. Referimo-nos aqui às plantas que chegam por doação, por troca, as que são arrancadas, levadas e as que a escola ganha de um supermercado próximo.

Figura 2 – (Des)faz



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2018

UMA IMAGEM (RE)COMPOSTA

Recompor uma imagem requer voltar e olhar, acessar nossas memórias e fazer de novo. Paramos, repensamos nossas ações e nossas práticas trilharam outros caminhos. A partir desse momento as oficinas começaram a ter outro foco, atravessadas por brincadeiras, sensações e conversas. Decidimos seguir algo novo, fazer algo que nunca havíamos feito lá. Ao tentar fugir das amarras que a horta escolar nos dá, deparamo-nos com a vontade de manter algo dessa horta. Queríamos manter ‘cantinhos’ e, assim, os cantinhos do rabanete, da cenoura e da alface, deram lugar ao cantinho para deixar o sapato, o celular e a mochila, cantinhos para pular corda, para subir na árvore, para deixar brinquedos, para sentar, ouvir uma música e cantinhos em formato de casinhas para contar histórias e/ou destrinchar questões geográficas.

Atualmente nossas plantas são todas as espécies que brotam por lá e nossas questões de trabalho, todas as questões geográficas que decorrem do encontro com o lugar. Colocar uma semente na terra, plantar e deixar as árvores crescerem, isso nos dá a certeza de que estamos escrevendo na terra e com a terra, modificamos o espaço, e, com isso, “imantamos a Geografia” (GODOY, 2013, p. 220). Conseguimos abrir caminhos para uma geografia da criação na interação com o meio. Nosso material de trabalho são coisas que o espaço nos oferece. Construimos um ninho com a poda de árvores, fazemos desenho com a mão suja de terra, subimos nas árvores para olhar de outro ponto, observamos os insetos que vivem lá e pensamos junto com as crianças como eles ressignificam o solo, identificamos juntos o que uma planta precisa para seu crescimento. Acompanhamos os processos. Ali exercitamos o andar descalço

para sentir as diferentes texturas do solo, os desníveis, as pedras que ‘machucam’ nossos pés, as plantas que os espetam. Andamos e espaciamos...

Figura 3 – Caminhar



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2018

Todas essas ações nos provocam o pensamento, paramos para olhar, para cheirar, para sentir. Paulo Freire (2018, p. 45) diz que “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”, ou seja, o espaço nos ensina. Aquele lugar e as plantas que crescem lá nos possibilitam caminhos de aprender, de ensinar, de ter interesse, de descobrimento. A *hortajardim* nos ensina por si só, por sua existência, pelo seu crescimento, aprendemos sobre o mundo simplesmente caminhando e parando para acompanhar as variações na terra.

É importante pontuar que não queremos aqui dizer que uma forma é melhor ou pior que a outra. Nossa intenção neste texto é mostrar que as duas formas de olhar, de habitar, de cultivar podem existir simultâneas no mesmo espaço-tempo. É pensar as hortas como zona de fronteira que possibilita o crescimento de tipo diversos de plantas: pode haver pimentão crescendo para comermos, mas também pode haver uma árvore com galhos enormes, fazendo sombra e possibilitando subidas e pode haver, ainda, o que popularmente chamamos de ‘mato’. O contato com a natureza que temos ao plantar e cuidar de um pé de alface é o mesmo contato que temos quando subimos numa goiabeira para pegar seu fruto.

As rugosidades da *hortajardim* (as espécies que foram plantadas num tempo anterior, mas que ainda crescem por lá) e suas memórias nos mostram que muitos elementos e espécies se perderam ao longo do tempo, porém outros permanecem cada vez mais enraizados e compõem uma paisagem mutante. As plantas crescem pouco a pouco e um vento é suficiente para mudar aquela paisagem. Assim a *hortajardim* “é um território onde a natureza, depois de



uma aterrissagem de extraterrestres, tomou seu próprio rumo, sua própria evolução: é um território mutante” (CARERI, 2017, p. 13).

HORTAS SEM IMAGEM, HORTAS INDISCIPLINADAS

Para nós, o trabalho na horta parece-se com uma linguagem importante à geografia escolar. Assim como a cartografia, o cinema, os mapas, a horta também possibilita uma linguagem, já que os registros audiovisuais e as fotografias que produzimos, para falar sobre ela, contam seus detalhes e as transformações que ali acontecem. Esse modo de fazer na horta e de falar da horta podem ser considerados como uma linguagem em geografia. Para tal aproximação, consideramos o que Oliveira Jr. e Girardi (2011, p. 4) nos dizem sobre as diferentes linguagens: “todas estas práticas/linguagens tem em si mesmas uma dimensão pedagógica/educativa, geradora de conhecimentos e saberes sobre o espaço geográfico”. Nossa intenção não é de ilustrar o trabalho na horta, mas de acompanhar imagens que se desfazem. Temos ido para a horta com o intuito de produzir conhecimentos geográficos com ela e não para ilustra-los nela. Podemos dizer que o que fazemos agora na pesquisa e na terra é acompanhar os processos de transformação do espaço e saber o que acontece quando alguma coisa não acontece mais de um mesmo modo. Estamos interessadas nessa geografia que se faz junto desses espaços abertos, sem o controle disciplinar. Só isso. Pois lá nas salas de aula a disciplina de Geografia segue e nós seguimos aqui, nos fundos da escola, *na escola*. É como ela se encontra agora, já que é com e a partir dela que pensamos nossas práticas. Hoje a horta já não é apenas uma horta, mas uma *hortajardim*, que cresce e floresce em seu tempo. Aquela ideia fixa de podar as árvores, a erva daninha, a grama, deu lugar ao respeito pelo tempo de cada planta. Antes, toda planta não plantada era arrancada, sempre com a preocupação de que “não pode” crescer mato no mesmo canteiro da cenoura. Ou seja, o diferente não tinha vez.

Fazer geografia, descrever a terra e acompanhar seus processos nos deu a chance de considerá-la como outro conteúdo do saber geográfico, dando lugar a uma nova composição. O ato de arrancar agora segue princípios que se dão a partir da composição nova que empreendemos no espaço da *hortajardim* e das condições edáficas, o que aquela terra permite e deixa crescer. As plantas que crescem por lá contam-nos sua história e “sua evolução, provam que os viventes produzem o meio em que vivem, em vez de simplesmente serem obrigados a

se adaptar a ele. Elas [as plantas] modificaram para sempre a estrutura metafísica do mundo” (COCCIA, 2018, p. 17). A *hortajardim* é esse emaranhado de possibilidades que se abre à nossa frente e que continuará crescendo, se transformando dia pós dia, proliferando vida e, ao fazer isso, dispersa uma imagem dada.

REFERÊNCIAS

- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2017
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis/SC: Cultura e Barbárie Editora, 2018. Tradução de: Fernando Scheibe
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56. ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Editora Paz e Terra Ltda., 2018.
- GODOY, Ana (Org.). Mídia, imagens, espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, Valeria; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. de. **Geografias do espaço: imagens da educação geografia contemporânea**. Campinas/SP: Editora Alinea, 2013. p. 209-220.
- OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. **Diferentes linguagens no ensino de geografia**. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), 2011, Goiânia-GO. ANAIS XI ENPEG. Goiânia: UFRGS, 2011. Disponível em <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(51\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(51).pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2019.
- PREVE, Ana Maria Hoepers. **Cartografias intensivas: notas para uma educação em geografia**. Geografares, Espírito Santo, v. 12, p.50-75, 02 jul. 2012.
- VALLADARES, Marisa. **Currículos escritos nas zonas de fronteira do estágio supervisionado: a narrativa de vida como formação docente**. (Texto mímeo)